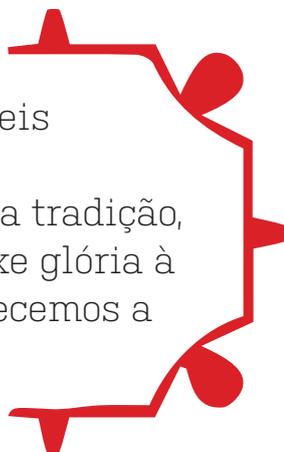
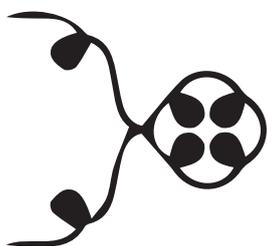


# Casa Prudêncio

## Um percurso rumo ao século

É no encontro de extensos e férteis campos, na Lezíria do Tejo, que distinguimos uma ganadaria cuja tradição, tecida ao longo dos tempos, trouxe glória à festa taurina. Nesta edição conhecemos a génese da Casa Prudêncio.



Com exploração solar na Herdade da Palhavã, situada no Porto Alto (Samora Correia), a ganadaria Prudêncio gere cerca de 500 cabeças de gado entre anjos, erais, novilhos, vacas e toiros. No remanso dos 280 ha de pastagens, ladeados pelo rio Sorraia, o atual efetivo conta uma história com mais de 94 anos.

Corria o ano de 1923 quando Prudêncio da Silva Santos encetou a formação da Ganadaria, com a compra de 70 vacas e dois sementais de casta portuguesa, à Casa Agrícola Ribatejana Lda., procedentes da casa António Luís Lopes (antiga vacada de D. Caetano de Bragança, Duque de Lafões). Estava criado o ferro PS (com as iniciais do seu fundador), que sai à praça em 1925, data de registo da sua antiguidade. Contudo, o falecimento do criador, apenas dois anos depois, obriga a passagem da direção da ganadaria, propriedade da empresa agrícola então nascida, para o seu filho, Teodoro da Silva Santos. Tomando as rédeas da Casa inicia um percurso que o constitui, sobretudo a partir de 1943, como grande obreiro dos

toiros Prudêncio, que começam a abrilhantar espetáculos e a granjear fama pelo País. É nessa época introduzido o primeiro sangue Espanhol, com um semental de encaste Parladé (adquirido a Joaquim Andrade), cuja sucessão de descendentes se manteve a par da evolução e história da Ganadaria: *Pêra de Aço*,



*Carinhoso*, *Despertador* e *Voluntário* foram os reprodutores entre 1949 e 1968.

Em 1972, por falecimento de Teodoro Santos, é um sobrinho do mesmo, António Santos Andrade, que passa para os comandos da Casa, refrescando o sangue do efetivo com a compra de um semental de ferro Norberto Pedroso, adquirido a David Ribeiro Telles. Em 1975, no período pós-Revolução, a

empresa familiar é reorganizada e a sua gestão passa para o seu irmão, João Santos Andrade (atual representante), que se decide por uma renovação do gado. Procede, então, à compra de 35 vacas de ventre e de um semental (*Rainho*) da linha Urquijo, que veio a ser substituído pelo semental *Cascais* da mesma ganadaria (José Manuel Andrade). Nos anos 80 foi escolhido para reprodutor o *Baptista* (ferro PS) e, atendendo à qualidade dos filhos que gerou, padreou até 1993, sendo considerado um dos pilares da atual linhagem da Casa.

Presentemente, todas as vacas possuem, na sua genealogia, sangue deste toiro histórico. Seguiu-se *Liano*, comprado igualmente a D. Luís Passanha e que, também devido à morfologia e comportamento impressos na sua descendência, serviu como semental até 2002. *Vilaverde* e *Rouxinol* foram os que se seguiram, com episódios marcantes. O primeiro, responsável pela colhida, em 2000, do cavaleiro Rui Alexandre e o segundo que arrecadou o prémio de bravura em 2009, lidado por Luis Rouxinol. Mantendo, como até hoje, a linha Morube-Urquijo, renovou-se ainda sangue com o toiro *Valenciano* (ferro Campos Peña), que veio a vencer o concurso de ganadarias em 2010 (na Nazaré).

Esta sucessão de sementais acompanhou a variação do solar da Ganadaria. Inicialmente sedeadada na Herdade da Pipa da Charneca, no concelho de Coruche, mudou-se para a herdade dos Paios na Lamosa até passar para onde a conhecemos presentemente, na Herdade de Palhavã.

**"Possante, nobre, áspero, mas com toureabilidade"**



Empresário agrícola, João S. Andrade preside, desde 1985, à Associação Portuguesa de Criadores de Toiros de Lide. Mas é enquanto representante da Ganadaria Prudêncio que nos leva aos campos e fala, ufano, sobre as suas reses e de algumas memórias, que a erosão do tempo não esbate.



A nossa visita à vacada é encarada com ligeiro desassossego. Afinal estão habituadas à sua própria movimentação, uma espécie de música do campo que as envolve e protege. São cerca de 100 as vacas de ventre, entre as quais nos espreita com maior atenção a *Mariana* (acompanhada dos seus bezerros gémeos) e que vem à cerca, à mão de João S. Andrade. O ganadeiro conhece-os pelo nome ou não disfarçasse mal umas ganas de amor pelos animais, talvez incrementada pela sua formação veterinária. Depois é a vez de nos aproximarmos do gado bravo que cresce, na sua totalidade, nesta herdade. Avistamos uma massa negra, animais cujo peso varia entre os quinhentos e muitos e os 600 kg, generosos, de comportamento imprevisível, dotados de uma raiva em estado puro. “Animal possante, nobre, pronto e com toureabilidade já bastante razoável” é a forma como João S. Andrade descreve os toiros da divisa verde e branca. “Ásperos”, acrescenta, mas com bravura que dá qualidade à Festa.

Na sua definição, o toiro do triunfo é aquele que deixa tourear,



mas que leva emoção e espetáculo ao público. Sobre uma eventual tendência ou aptidão dos seus animais e, embora a tradição dite que a *fiereza* os vocaciona para toureio a cavalo, evidencia que “eles quando são bons saem bem em tudo”.

Estes animais valorosos, onde se contam, atualmente, três sementais (*Valenciano* – ferro Campos Peña, *Estorninho* – ferro Prudên-

cio) e *Fisgo* – ferro Romão Tenório), gozam da benesse do verde pasto da Lezíria, que trazem até a natureza o proporcionar. O dia a dia do gado é levado pela mão firme do maioral Lúcio Baptista, campino homenageado em Vila Franca de Xira, no Colete Encarnado de 2013. Lida há 49 anos (desde a sua infância), os toiros Prudêncio. O trabalho sanitário, isto é, manter



a boa saúde e higiene da ganadaria é, porventura, a manobra diária mais importante, sublinha João S. Andrade.

## Tentar brindar a *afición*

Entre as tarefas camperas, o ganadeiro explica-nos como se processam ali as tentas: “à moda espanhola, de resto como em todas as ganadarias”, adianta. “Aos dois anos de vida com picador e lide a pé, os momentos que nos dão indicações mais certas e, passando ainda pelos treinos dos cavaleiros.” Na tenta, a faena do campo, observa-se a essência da investida e os rasgos de comportamento, fazendo adivinhar como será na arena, a medida do domínio, da coragem e inteligência sobre a força e a bravura. No modo como acodem à vara, os entendidos observam-nos num sortilégio com codícia, augurando-lhes o destino. Este momento é crucial para uma seleção apurada e provém de uma procura incessante de brindar a *afición* com reses que

possuam harmonia entre o *trapío*, a apresentação e a nobreza.

Desafiado a compor o cartel ideal para o seu melhor curro, João S. Andrade não lança nomes, mas adianta que “gostaria de ver nas praças sangue novo a sobressair”.

Triunfadora em vários concursos de ganadarias e em prémios de bravura é fácil resgatar das memórias toiros que deram notoriedade à Casa, quase todos os que serviram de semental. Singrou no reconhecido crítico meio tauromáquico, mas refira-se que, mais que resiliência, é a paixão que ajuda ao exercício de engenharia financeira exigido por uma ganadaria. O criador explica que deve sair do toiro a maior receita ou não fosse este o que requer maior investimento. Apesar da existente exploração agrícola (fruta e cereais, também, aproveitados na alimentação dos animais) e, ainda, da carne merto-lenga (de uma vacada concentrada na freguesia de Lamarosa – Coruche), a criação de toiros de lide é o mote do seu trabalho. Contudo, explica-nos que é complexo perpetuá-la. A título de exemplo, “as alterações introduzidas no regula-

mento tauromáquico não vieram trazer mais-valias, mas sim retirar margem aos criadores, incrementando custos, no que ao transporte e acomodação dos animais” dizem respeito.

Ainda em passeio pelo campo passamos por novilhos sobre os quais nos explica: “têm três anos e vão ser lidados este ano”, informamos de acordo com a agenda, onde estão já anotadas corridas em Abiul (Pombal), Cartaxo, Nazaré, Figueira da Foz e pela região do Alentejo.

Abre ocasionalmente as portas para treinos de forcados e participa, mais uma vez, nas ansiadas Esperas do Colete Encarnado, que descreve como “uma festa de muita tradição, cariz e cor extraordinários”. Sabido é que Vila Franca de Xira expressa, sobretudo, nesses três dias, o seu sentido de terra aficionada, garbo na sua tradição. A adrenalina improvisa nas Esperas de toiros, a sardinha deita no pão e o convívio, generoso, estende-se a todos quantos entram nesta Festa maior.

Texto: Ana Sofia Coelho

Fotografia: Hélder Dias